
A Construção da Subjetividade nas Redes Sociais e a Cultura do Narcisismo durante a Pandemia¹

Carolina Bachmann Feitoza²
Claudio Novaes Pinto Coelho³
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

A partir de março de 2020, com a pandemia do Coronavírus, o planeta se transformou tanto na forma como os seres humanos lidam com o ambiente que estão inseridos quanto entre eles próprios. O objetivo da pesquisa é analisar a espetacularização das redes sociais em meio à pandemia, estudando o compartilhamento de comportamentos, atitudes e mentalidades narcisistas, principalmente entre os jovens de 18 a 25 anos. Por isso, o desenvolvimento dessa pesquisa é uma contribuição para entender fenômenos atuais, tendo como base principal as teorias de pensadores como Debord, Lasch e Byung Chul Han. Logo, a pesquisa a seguir é de cunho bibliográfico, perpassando pela análise dos pensamentos de tais autores com base no contexto atual, além de contar com a análise do perfil da blogueira Rachel Apollonio, durante a semana de 6 a 13 de maio de 2020.

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade; narcisismo; redes sociais; pandemia.

Introdução

Partindo da definição de Lima e Mioto (2007), esse estudo segue a metodologia da pesquisa bibliográfica, feita através do levantamento de análises e da literatura já existente e a comparação de pensamentos e variáveis do objeto de pesquisa. Isto posto, a sociedade atual é marcada pela digitalização. Todos os setores que rodeiam o ser humano estão imersos no ciberespaço, – como definido em 2006, por Pierre Lévy, na obra “Cibercultura”: “a enorme quantidade de dados existentes no mundo virtual permitem a transformação do mundo físico, basta acessá-los no ciberespaço e saber interpretá-los” - sejam relacionamentos seja educação ou até mesmo a privacidade das pessoas. Os atuais cidadãos digitais partilham de uma série de comportamentos, ideais, mentalidades e valores que são capazes tanto de aproximar aqueles que pensam de maneira semelhante como distanciar os demais que não concordam com esses. Essa constante movimentação

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Cásper Líbero, email: carolinafeitoza0@gmail.com

³ Orientador do Trabalho. Docente do PPGCOM da Faculdade Cásper Líbero, email: ccoelho@casperlibero.edu.br

já se tornou intrínseca aos seres humanos contemporâneos, sendo difícil pensar em indivíduos que sejam aptos de se dissociarem ou inibirem esse estilo de vida e atitudes segregacionistas.

A partir de março de 2020, com a pandemia do Coronavírus, o planeta imergiu em um cenário extremamente caótico e transformador tanto para a forma como os seres humanos lidam com o ambiente que estão inseridos quanto entre eles próprios. Todos os tipos de relações sofreram mudanças, além de evidenciarem grandes indicadores de como a sociedade contemporânea sofre de distúrbios mentais, políticos, econômicos e sociais, principalmente quando pensados com relação à intensificação da conectividade imposta pela época pandêmica. Com o distanciamento social e o home-office, a convivência com diferentes ações e concepções mostrou-se menos frequente, enquanto o contato com noções repetidas e corriqueiras mais presentes. Isto é, a repetição incessante de comportamentos nas redes sociais, como a busca excessiva por atenção, extrema exposição da vida privada e exaltação de coisas mínimas e rotineiras tornaram-se muito mais recorrentes e visíveis, mesmo já sendo constantes na vida de todos.

Tendo em vista esse fortalecimento de costumes triviais na vida online, é possível analisar um movimento compartilhado pela maioria das pessoas, que consiste na busca por paz, tranquilidade e felicidade de alguma maneira, independente das consequências que lhes ocorram. Por isso, as redes sociais, ou seja, instrumentos de colaboração e de produção conhecimento e conteúdo (RECUERO, 2011), expõem retratos e exemplos de como a vida é maravilhosa, equilibrada e fácil para todos, bastando apenas a oportunidade e a força de vontade para realizar todas as suas ambições, refletindo em uma massiva fuga da realidade complexa para esse oásis virtual retratado, principalmente no Instagram. Sendo assim, com a intenção de incentivar e encorajar as pessoas, a sociedade atual se autopressiona para que os indivíduos aproveitem cada segundo de suas vidas, sendo úteis e impondo uma felicidade e realização eternas.

A partir disso é defendida a relevância de pesquisar e analisar a espetacularização da sociedade em meio à pandemia, estudando sobre a perspectiva do compartilhamento de comportamentos, atitudes e mentalidades entre os indivíduos, mas principalmente entre os jovens de 18 a 25 anos. Por isso, o desenvolvimento dessa pesquisa é uma contribuição para entender fenômenos atuais, tendo como base as teorias de pensadores como Guy Debord, a partir da “Sociedade do Espetáculo” e Byung Chul Han, com a “Sociedade do Cansaço” e “No Enxame”. Logo, a pesquisa é de natureza documental

referencial, utilizando uma metodologia que perpassa pela análise dos pensamentos de tais autores com base no contexto atual, além de contar com a análise do perfil da blogueira Rachel Apollonio, durante a semana de 6 a 13 de maio de 2020, entendendo como os conceitos abordados se desdobram cotidianamente sem que a maioria das pessoas percebam a replicação de um discurso encorajador e positivista, mas ainda contraditório.

O Fim da Distinção do Público e do Privado

De acordo com o pensamento de Guy Debord, referente à espetacularização da sociedade, há uma aceitação passiva coletiva da degradação do ser humano de “ser” para “ter” e, por fim, “aparecer”. Sem contar que existe uma superficialização tanto das relações humanas quanto da construção de subjetividade dos indivíduos. Tendo em vista essa moldagem de personalidade a partir daquilo que a pessoa possui e o que essa mostra em suas redes sociais, os atuais cidadãos digitais acreditam que quanto mais transparentes e conectados mais autênticos e reconhecidos serão. Além dessa necessidade de exposição, vale lembrar que para ter uma visibilidade, as pessoas reconstroem suas personalidades constantemente, visando a aceitação e reconhecimento diante dos demais usuários.

Ademais, segundo Christopher Lasch, em sua obra “O Mínimo Eu”, o eu narcisista, ou o mínimo eu, é inseguro de seus próprios limites, almejando a construção do mundo através de sua imitação e de seus anseios, o que mostra uma validação das pessoas face aos outros: “o indivíduo não apenas aprende a avaliar-se face aos outros mas a ver a si próprio através dos olhos alheios” (LASCH, 1986, p.21). Isto é, o indivíduo constrói um personagem a partir do que os demais enxergam, pensam e falam sobre ele, vestindo seu figurino e encenando em um palco virtual por meio do espetáculo da sua vida.

Por isso, partindo do pressuposto que a cibercultura “é um fluxo de contínuo de ideias, práticas, representações, textos e ações que ocorrem entre as pessoas conectadas” (LÉVY, 2006), a cultura organizada em torno do massivo consumo provoca o narcisismo, ocasionando uma tendência coletiva de adotar uma postura escapista da realidade e contrária à introspecção, pois os fatos ocorridos tornam-se menos relevantes do que a própria bolha social na qual os indivíduos estão imersos. E devido à profunda submersão dos usuários nas redes sociais, existe uma tendência a uma vontade coletiva de consumo

de imagens, isto é, uma necessidade de visibilidade e exposição dos seres a partir da reprodutibilidade das imagens e fotografias, ao passo que há um esvaziamento da dimensão concreta dos corpos, diluindo o valor e a importância desses nas postagens realizadas na Internet.

Ainda de acordo com o pensador americano Lasch: “a tecnologia passou a servir como um instrumento efetivo de controle social”, (LASCH, 1986, p.18), sendo capaz de corroer a autoconfiança e a autonomia dos indivíduos, causando-lhes o sentimento de impotência e vitimização, pois é comum esses mostrarem-se perdidos em suas subjetividades devido à falta de privacidade e de contínua individualidade. Por isso, o discurso pregado nas redes que todos devem cada vez mais se autoconhecer e serem autossuficientes, evidencia um enfraquecimento da capacidade de autoafirmação, na qual o eu se perde em seu vazio interior, reforçando a cultura do sobrevivencialismo na medida em que o ser se reconstrói constantemente na tentativa de se encontrar e se realocar na sociedade.

Antes de aprofundar no fim da distinção do público e do privado, é essencial entender as concepções e a contextualização de ambos os conceitos. Sendo assim, de acordo com Hannah Arendt, na obra “A Condição Humana”: “tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível” (ARENDDT, 2007, p. 59), logo a esfera pública é caracterizada pelo compartilhamento e diálogo, reconhecida por conter uma gama diversificada de perspectivas e ideais. Tudo o que se refere ao coletivo diz respeito a todos os cidadãos de um determinado ambiente, logo, todas as questões que interfiram em suas intimidades e vidas particulares também são de suma importância. Um exemplo da experiência pública e coletiva é a sociedade da Grécia Antiga, a qual era marcada pelos debates em praças públicas, onde ocorriam discussões retóricas, aprendizados e a troca de conhecimento, sendo essa, uma das principais razões para o nascimento da filosofia e o entendimento do corpo social. Assim, o espaço público é extremamente significativo para a construção de conhecimento e um melhor desenvolvimento da sociedade a partir da colaboração e participação de todos os cidadãos, respeitando sempre suas individualidades, questões e limites.

Entretanto, em relação à esfera privada, a essência dessa dimensão gira em torno da introspecção, o amadurecimento interno e solitário a respeito das situações, emoções, sentimentos e pensamentos que circundam o ser. Por isso, esse ambiente é referente à intimidade e à construção de subjetividade, na qual há a solidificação da personalidade e

caráter sem que haja qualquer contato com o mundo exterior e sem nenhum julgamento e crítica de terceiros. Assim, como abordado no livro “O Show do Eu: a Intimidade como Espetáculo”, da pesquisadora Paula Sibilia: “além de constituir um requisito básico para desenvolver o eu, o ambiente privado era cenário onde transcorria a intimidade” (SIBILIA, 2016, p.86).

Logo, a privacidade é a interioridade, a forma pela qual a autenticidade e a autonomia imperam na “sujeitificação” do seu espírito, ou seja, é o método de tornar sujeito o cerne da personalidade, sendo o que estrutura, diferencia e reconhece os sujeitos através da linguagem e da significação do mundo ao redor da pessoa. Assim, como exemplificação dessa ambientação privada, a obra de Franz Kafka, “A Metamorfose” (1997) pode ser pensada em relação à subjetivação e construção de identidade – conceito baseado no pensamento de Lasch: “a atual preocupação com a ‘identidade’ expressa em certa medida esse embaraço em se definir as fronteiras da identidade” (LASCH, 1986) – dos seres, haja vista que a história relata sobre um homem comum e trabalhador que seguia todos os padrões da sociedade, perdendo-se em sua rotina e vida monótona, transformando-se em um inseto gigante ao passo que não se reconhecia mais e não enxergava sentido naquilo que fazia. Com base nesse livro, é possível estabelecer um paralelo entre a vida privada e a definição da essência dos sujeitos, sendo o que molda, diferencia e dá sentido à vida. Conforme o homem perde esse lado introspectivo; ele perde também a sua natureza.

A Espetacularização das Imagens nas Redes Sociais: O Perfil de Rachel Apollonio

A Quarta Revolução Industrial é conhecida pela digitalização dos meios e formas de existência, tendo como base a conectividade e a integração de sistemas inteligentes como o alicerce para a vida e convívio em sociedade. Entretanto, como abordado anteriormente, essa intensa imersão nos meios de comunicação reflete na construção da subjetividade das pessoas, em como elas se relacionam e moldam suas imagens nas redes, perdendo a noção de público e privado. Logo, a partir do pensador sul-coreano, Byung Chul Han, em sua obra “No Enxame”: “a falta total de distância, na qual a intimidade é exposta publicamente o privado se torna público”, (HAN, 2020, p. 12). Isto é, a Internet dissolve a distância existente entre os indivíduos, possibilitando um intenso

compartilhamento e exposição do cotidiano de cada um, de modo a tornar o íntimo algo comum e coletivo.

Ademais, é conhecido que cada ser social é influenciado por seu grupo e a sociedade em que está inserido, refletindo em seus costumes e maneiras de se comportar, como abordado por Paula Sibilia:

não há dúvidas que tais forças históricas imprimam a sua influência na conformação dos corpos e das subjetividades: todos esses vetores socioculturais, econômicos e políticos exercem uma pressão sobre os sujeitos dos diversos tempos e espaços, estimulando a coagulação de certos modos de ser e inibindo todas as demais alternativas (SIBILIA, 2016, p.26).

Dessa maneira, a atualidade é responsável pela dissolução do eu na conectividade e pelo comportamento narcisista criado a partir do consumo de imagens com o intuito de obter visibilidade e reconhecimento por sua personalidade e performance exibida.

Partindo do pressuposto que a atualidade é solidificada na sociedade do espetáculo com o consumo sendo o combustível para a retroalimentação desse sistema – necessidade de exposição e adoração às imagens – Debord defendia que: “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediatizada por imagens”, (DEBORD, 2003, p. 14). Sendo assim, os cidadãos digitais misturam a dinâmica vivida nos meios virtuais com a realidade, de modo a transpor o funcionamento desse ambiente a todos os demais âmbitos que englobam os seres, por exemplo relacionamentos, vida profissional e acadêmica. Assim, as redes digitais, mais especificamente o Instagram – rede criada em 2010, a qual permite o compartilhamento de fotos e vídeos, além da aplicação de filtros e outras formas de produção de conteúdo com o intuito de gerar interação entre os usuários – há uma interligação entre diferentes pessoas, que possibilita várias maneiras de expressões e de construções subjetivas, modificando a forma de pensamento, os ideais e os comportamentos dos sujeitos.

Sendo uma das cinco maiores redes sociais do mundo, o Instagram foi uma das plataformas digitais responsáveis pela mudança de identificação da personalidade dos usuários voltando suas atenções para o consumo de imagens e criação de performances fotográficas, sendo utilizada para o compartilhamento da vida e interação com pessoas de diferentes lugares do globo terrestre, possibilitando a comunicação e o desenvolvimento de uma comunidade online com uma variedade de culturas, costumes e concepções. Além dessas funcionalidades, tal rede é conhecida por ser um dos maiores canais de publicidade

existentes, tanto por estratégias de marketing quanto por patrocínios e merchandising, como parcerias realizadas entre grandes marcas esportivas e blogueiras fitness.

Conforme abordado por Seth Godin, em “Marketing de Permissão: transformando estranhos em amigos e amigos em clientes” (1999), essa estratégia de Marketing pode ser utilizada em alguns canais de comunicação com o intuito de uma marca criar um relacionamento e proximidade com o seu público-alvo por meio da conquista de seu consentimento e relevância. Desta maneira, há a permissão para uma comunicação direta entre ambos, agregando valor através de conteúdos e planejamentos de marketing. Sendo assim, essa estratégia dialoga com a pesquisa devido ao embasamento teórico para o processo de análise do perfil da blogueira. Portanto, para o desenvolvimento desta observação, é necessário entender quais os critérios selecionados para a análise do perfil de uma blogueira fitness conhecida por suas fotos, treinos online, estilo de vida e hábitos, sendo esses: a construção imagética de suas postagens, a frequência de publicações, a construção de conteúdos em diferentes formatos (stories, fotos, IGTVs ou vídeos), além do tom de voz e linguagem adotados em suas legendas.

Logo, tendo em vista o período de 6 a 13 de maio de 2020, no qual o conteúdo digital passava por um radical fortalecimento e crescimento de fontes de conteúdo, principalmente temáticas fitness, saudáveis e de bem-estar devido à pandemia, o perfil da influencer Rachel Apollonio obteve reconhecimento por tais abordagens e postagens realizadas. Desse modo, ao analisar o perfil da jovem influenciadora é reconhecível uma série de padrões nas 12 publicações dessa semana. Nas legendas há o uso de emojis e hashtags criadas para seus treinos online, marcações de pessoas e marcas, adoção de uma interação e comunicação direta com seus seguidores, além da ênfase em como sua vida é equilibrada e mantém sua alimentação e hábitos saudáveis. Já em relação às fotos, vídeos, IGTVs e stories há uma predominância de construções estéticas, sejam por posturas que valorizem a silhueta ou traços corporais, a transmissão de espontaneidade e naturalidade até em posturas consideradas avançadas no yoga, uma intensa conexão com a natureza e a tranquilidade devido ao equilíbrio e à serenidade passadas pela mulher e, por fim, a sugestão de que ser saudável é estar em concordância com os padrões estéticos aceitos socialmente, adotar uma alimentação restrita e treinar constantemente. Portanto, no perfil dessa famosa é reconhecível um trabalho nas mídias sociais, o qual busca a coerência e consonância entre a construção imagética e as legendas, de modo a atrair patrocínio e publicidade, de marcas como Adidas e de alimentos leves, influenciando o consumo, a

Por fim, tendo como referência o perfil apresentado e o pensamento de Erving Goffman em “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”: “em certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final, a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade” (GOFFMAN, 2002, p. 27), a criação performática criada para as redes sociais reflete as individualidades e expõe a vida privada dos indivíduos de modo a tornar a intimidade algo público e seu compartilhamento banal. Assim, desde o início da pandemia, o meio virtual tornou-se um grande vetor de divulgação e propagação de costumes, mentalidades e comportamentos, principalmente devido ao isolamento social, criando uma demanda de aproximação e contato com os demais, mesmo que exteriorizando fatores íntimos e privados. Em suma, conectividade tornou-se uma consequência do consumo consentido pela relação direta da vida dos usuários e o funcionamento dos sistemas digitais, evidenciando uma construção de subjetividade e personalidade performáticas como relatado por Goffman em sua época.

A Sociedade do Cansaço/Desempenho

A pandemia do Coronavírus ressignificou a vida de todas as pessoas. A digitalização forçada de todos os setores que rodeiam os seres humanos permite a continuação da vida em meio ao isolamento social, impulsionando o desenvolvimento e a otimização da comunicação cibernética. Com relação às mudanças comportamentais ocorridas durante a pandemia, pode-se ter como base uma pesquisa de abrangência nacional, realizada com 1.003 entrevistados entre 18 e mais de 65 anos, pela empresa EY Patthenon, publicada na revista Veja:

Como consequência, mudanças de hábitos e padrões de comportamentos que vinham se desenhando ou mudando lentamente tiveram uma forte aceleração. A digitalização dos negócios e a intensificação do uso de canais digitais de interação com os consumidores são exemplos de tendências que já se manifestavam, mas apresentaram uma forte aceleração em questão de meses. (Veja, 2020, s.p.)

Tendo em vista essa importação para o online, os cidadãos digitais passaram a viver em função da conectividade para suprirem suas necessidades, seja em meio ao trabalho, ou em relacionamentos virtuais. Assim, os indivíduos foram influenciados a adotarem um estilo de vida conectado e mergulhado em suas bolhas sociais.

Consoante ao estudo da Teoria da Sociedade do Cansaço, de Byung Chul Han, a qual discorre pela passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, marcando a transição de uma organização social reconhecida pelo seu teor negativo, submisso e obediente para uma outra com um imaginário extremamente liberal, positivo e libertário, passando a impressão de uma falsa mobilidade e um imperativo de felicidade e realização constantes, exercendo uma pressão involuntária nos indivíduos de autossuperação e autorrealização. Tendo em vista a frase do pensador sul-coreano em seu livro: “é uma ilusão acreditarmos que quanto mais conectados, mais livres seremos” (HAN, 2020, p.52), há uma evidência do caráter estimulante da atualidade, ou seja, os indivíduos são impulsionados a realizar uma profunda imersão na internet, com o intuito de participarem de uma comunidade, serem reconhecidos pelos estilos de vida que assumem e projetarem cada vez mais sua felicidade e dedicação na superficialidade das redes. Logo, essa nova maneira de organização social é responsável pela falsa transparência assumida nas redes sociais e, também, pela necessidade de autoafirmação na vida virtual a partir da exposição de intimidade e pelo excessivo consumo de conteúdos que reforçam essa lógica de produtividade e utilidade que todos devem exercer nos mais diversos âmbitos que os rodeiam.

Vale lembrar que o conceito desenvolvido por Han possui relação direta com a teoria neoliberal, pensada por Milton Friedman no livro “Capitalismo e Liberdade”, sugerindo como um sistema adaptado à globalização, na qual os indivíduos possuem liberdade para tomarem suas decisões espontaneamente, reflete em uma individualização do comportamento tanto no âmbito social quanto no profissional. Por isso, como mencionado no livro “A Sociedade do Cansaço”: “Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção” (HAN, 2020, p.25), apontando uma coação do sujeito narcisista a construir sua subjetividade, principalmente, nas áreas do trabalho e produção, haja vista o reconhecimento e o retorno trazidos ao atingir o sucesso nessas determinadas áreas. Assim, as escolhas feitas e até mesmo os relacionamentos assumidos pelos atuais indivíduos neoliberais baseiam-se na obrigação da felicidade e do sucesso, tendo como essência a individualização e a liberdade ao assumirem seus compromissos e tomarem suas decisões.

Ademais, as redes sociais corroboram para a busca da felicidade e sucesso, de modo a servirem como palco para os sujeitos desenvolverem performances e criarem suas personalidades, ao passo que quanto mais empenhados a alcançarem seus objetivos e

desejos em diversos âmbitos, mais desgastadas são suas personalidades. Isto é, a conectividade da vida virtual é um instrumento para as pessoas debruçarem-se ainda mais em seus objetivos e metas, sendo impulsionados pelo reconhecimento e visualizações proporcionados por esses canais, refletindo em uma crise de identidade e falta de reconhecimento naquilo que desempenham, como visto em: “o cansaço profundo afrouxa as presilhas da identidade” (HAN, 2020, p 75). Portanto, a mentalidade de produtividade e de máximo desempenho dos seres em suas vidas, é responsável pelo esgotamento e falta de identidade, haja vista que para atingir a realização e obter conquistas, os indivíduos se autodestroem e consomem suas energias, executando atividades que atribuam um caráter autêntico e útil para suas vidas.

Considerações Finais

Tendo como pressuposto a análise de Byung Chul Han acerca da atualidade, a realidade pode ser vista como uma fusão entre a intimidade e a exposição de hábitos e costumes da vida das pessoas, haja vista que a contemporaneidade é marcada pela conectividade e pela busca excessiva de compartilhamento, de interação com outros usuários e pela viralização de postagens nas redes sociais, o que evidencia uma ressignificação da vida. Tal acontecimento possui relação direta com a degradação dos seres devido ao consumo e à reprodutibilidade de imagens, responsáveis por uma individualização e superficialização das relações sociais, refletindo na maneira pela qual as pessoas se comportam e interagem em sociedade, modificando suas formas de convivência e de construção da comunidade. Assim, a partir da democratização do acesso e da produção de conteúdo permitidos pelas redes, houve uma mudança nos comportamentos, mentalidade e a maneira de socialização dos usuários, além de transformação na construção de subjetividades dos sujeitos, sendo percebida pela moldagem de caráter através da quantidade de visualizações e prestígios de suas postagens.

Além dessas mudanças, é possível reconhecer que a maioria das pessoas adotaram uma série de condutas semelhantes e massificadas, como a divulgação intensa das suas intimidades e uma possível ausência de distinção do público e do privado, pois não é mais viável pensar em âmbitos íntimos, de introspecção e amadurecimento interno, e âmbitos coletivos para debate comunitário e discussões para entendimento do corpo social. Deste

modo, o ciberespaço é responsável por um compartilhamento, trazendo transparência e visibilidade para qualquer assunto dentro da vida dos seres, revelando uma aversão à reflexão e o crescimento solitário dos indivíduos, além de conceder espaço à teatralização da vida decorrente do consumo na Internet. Logo, a partir disso é possível refletir sobre a tendência coletiva de escapismo da realidade e a influência que a cultura narcisista gera na construção de subjetividade e costumes dos indivíduos dentro da sociedade, pois tendo em vista que não conseguem mais se reconhecer e distinguir entre as esferas públicas e privadas, a atualidade é marcada pela dissolução da intimidade e a extrema exposição da vida das suas vidas. Sendo assim, a dicotomia entre o coletivo e o individual é desmanchada no emaranhado de vozes, opiniões e percepções que ecoam nas bolhas sociais em um campo extracorpóreo que ultrapassa qualquer distinção e barreira social, estimulando os seres a terem impressões superficiais da realidade que os circunda e não se reconhecerem mais em suas atitudes.

Desta forma, a crise de identidade, causa uma necessidade nas pessoas de tornarem o mundo o reflexo de suas intimidades, desejos, vontades e valores, ao passo em que há um esvaziamento de significado nos gestos e atividades adotados por esses. Tal atitude tem como gênese a alta reprodução de signos e imagens no ciberespaço, voltados para a satisfação do eu por meio do consumo, sendo uma resposta à crise de personalidade e existencial humana. Para exemplificar essa dinâmica, o Instagram revela essa atitude narcisista em todas as suas formas de produção de conteúdo, seja stories, lives, IGTV's etc., pois seus usuários experienciam, mostram e exibem-se com o intuito de serem assistidos e seguidos pelos demais, buscando ser o centro das atenções e o foco dos likes e comentários. Assim, o perfil dos influencers expõe ainda mais essa mentalidade, haja vista que influenciam milhões de pessoas com suas opiniões e com a imagem meramente construída para os holofotes sociais, como a hipervalorização de corpos e o reforço de estereótipos e preconceitos sociais no perfil de blogueiras fitness. Portanto, as pessoas tornam-se mais valorizadas não só por aquilo que defendem e acreditam, mas pelo que transparecem e mostram em seus perfis.

Por fim, nesse emaranhado de opiniões e vozes vindos de postagens superficiais e banais que rodeiam os seres e modelam suas identificações, é possível reconhecer uma alienação coletiva, sendo caracterizada pela mediatização dos relacionamentos e construções subjetivas pautadas no consumo, causados por uma busca exacerbada de reconhecimento e felicidade nessa. Por isso, a pandemia do Coronavírus pode ser

analisada sob a ótica dos conceitos abordados, pois todos estão assumindo o máximo de desempenho e produtividade com o intuito de alcançar a felicidade e o sucesso constantemente tanto em suas vidas profissionais quanto em campos sociais, perpassando por uma experiência ilusória em relação à fidedignidade e a verossimilhança das postagens e compartilhamentos das redes. Logo, a necessidade de autoafirmação e autorrealização impostos pela Sociedade do Cansaço somam-se à a teatralização da vida da Sociedade do Espetáculo, resultando em um desempenho performático. Decorrente de um consumo acentuado, que corrompe mentes e atravessa pessoas por meio de ideologias, há a diluição de valores e caráteres, principalmente quando relacionada à pandemia, haja vista a intensificação da cultura narcisista e a otimização da exposição da intimidade e a alienação coletiva das subjetividades e personalidades dos usuários.

REFERÊNCIAS:

ARENDR, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2007

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Ed. Coletivo Periferia, 2003.

FRIEDMAN, M. **Capitalismo e Liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2014.

GODIN, S. **Permission Marketing: turning strangers into friends, and friends into customers**. New York: Ed. Simon & Schuster, 1999.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes 2002.

HAN, B. C. **No Enxame**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2018.

HAN, B. C. **Sociedade do Cansaço**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2020

KAFKA, F. **A Metamorfose**. São Paulo, Ed: Companhia das Letras, 1997.

LIMA, T. e MIOTO, R. **Procedimentos Metodológicos na Construção do Conhecimento Científico: A Pesquisa Bibliográfica**. Semantic Scholar, 2007. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/1631/7ed88ef453073a488d79463a9482c9ba1600.pdf?_ga=2.61015596.1269833221.1629851585-1841726202.1629851585. Acesso em: 24 de agosto de 2021 às 21:37

LASCH, C. **O Mínimo Eu**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.

SIBILIA, P. **O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2016.

VEJA. **Consumo e Pandemia: as mudanças de hábitos e padrões de comportamentos provocados pelo coronavírus**. Veja, São Paulo, 29 de set. de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/insights-list/insight-3/>. Acesso em: 25 de ago. de 2021, às 15:39.